

MILITARES

O Brasil não quer a bomba atômica. Só o submarino.

O governo brasileiro não pretende nem planeja construir a bomba atômica no País. A afirmação foi feita pelo ministro da Marinha, Henrique Sabóia, em entrevista ao programa **Opinião Pública** levado ao ar em Brasília anteontem. Segundo o ministro, não deveria persistir dúvida sobre a verdadeira disposição do governo sobre o assunto, mesmo porque o Brasil não dispõe de recursos suficientes para uma iniciativa dessa natureza.

O ministro Henrique Sabóia comentou ainda que o noticiário recente a respeito de um campo de testes para armas nucleares na serra do Cachimbo trouxe prejuízos ao governo. Conforme o ministro, não seria possível o Brasil realizar experiências atômicas em seu território sem o conhecimento de outras potências, que poderiam facilmente descobri-las.

Ele insistiu em que a fabricação da bomba ou de armas nucleares depende de decisão política do governo, o que exigiria recursos vultosos não disponíveis.

Já ontem, no Rio, onde estive para uma reunião de trabalho, o ministro explicou que a Marinha não pode abrir mão de um projeto para o País ter um submarino nuclear, e anunciou que a instituição, que realiza pesquisas sobre a propulsão nuclear, já está iniciando estudos sobre a planta do reator.

"A meta do submarino nuclear não se pode fixar no tempo, porque envolve duas grandes barreiras que têm de ser vencidas, a econômica e a tecnológica. Quando conseguirmos vencê-las, teremos este navio", acrescentou o ministro.

Para ele, "quem conhece as dificuldades técnicas e o envolvimento econômico, sabe que este ano é um projeto de curto prazo, e se nós já estamos trabalhando nesta direção, tem-se a consciência de que não se trata de um objetivo para ser alcançado a curto prazo".

O ministro Henrique Sabóia considera que "um país grande como o Brasil tem de pensar para a frente e para o futuro, e evidentemente nós não podemos abdicar de pensar em ter submarino de propulsão nuclear na nossa Marinha. Os interesses marítimos do Brasil são muito grandes, muito importantes e muito sig-

Fatores estratégicos

A importância de um submarino nuclear é considerada hoje fundamental por estrategistas civis e militares, pela maior capacidade que ele assegura às marinhas modernas. Um exemplo sempre citado é o do conflito das Malvinas, quando a Marinha britânica desequilibrou a guerra a seu favor, levando três submarinos a propulsão nuclear para as proximidades da área em que o conflito seria decidido.

A Marinha britânica teve a seu favor, como fatores também decisivos, a mobilização, o preparo dos seus homens e os recursos de que eles dispuseram. Mas a propulsão nuclear foi um recurso classificado como excepcional pelos estrategistas que analisaram o conflito.

Urânio

Para a viabilização do submarino atômico, será preciso não apenas o projeto do reator, que o ministro Sabóia destaca como um dos objetivos da Marinha, mas também o desenvolvimento da tecnologia de enriquecimento de urânio para a propulsão do navio de guerra.

Segundo uma alta fonte da área militar, a tecnologia do enriquecimento do urânio já está praticamente viabilizada, e exige um projeto especial, tendo em vista o impedimento a que qualquer pesquisa realizada através do acordo nuclear com a Alemanha Ocidental seja dirigida para fins militares. Já o projeto para o enriquecimento de urânio destinado ao reator de submarino é secreto, e nada tem a ver com bomba atômica, esclareceu a mesma fonte.

Um almirante da reserva, por sua vez, disse que o desenvolvimento da tecnologia do enriquecimento de urânio para o futuro submarino brasileiro já garantiu resultados animadores, e que permitem, para ele, otimismo. Ele lembrou o fato de a Marinha já ter um projeto de submarino convencional concebido por sua diretoria de engenharia. Adiantou que o arsenal em breve poderá começar a construir submarinos, e que os três primeiros serão semelhantes ao que já está em construção na Alemanha Ocidental, da classe IKL-209-1-400.